



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

VANISE FERREIRA COSTA

**O FILÉ COMO PRÁTICA CULTURAL
As perspectivas entre o saber-fazer e a comercialização
no Pontal da Barra - Maceió/AL**

MACEIÓ-AL
2016

VANISE FERREIRA COSTA

O FILÉ COMO PRÁTICA CULTURAL
As perspectivas entre o saber-fazer e a comercialização
no Pontal da Barra - Maceió/AL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas como exigência parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Ms. Bruno César Cavalcanti.

VANISE FERREIRA COSTA

O FILÉ COMO PRÁTICA CULTURAL
As perspectivas entre o saber-fazer e a comercialização no Pontal
da Barra – Maceió/AL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas como exigência parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^o. Bruno César Cavalcanti
Orientador

Prof^a. Jordânia de Araújo Souza
Examinadora

Prof^a. Janecléia Pereira Rogério
Examinadora

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, em qualquer de suas representações.

A meu orientador Bruno César Cavalcanti por aceitar me orientar, por sua disposição, compromisso, ensinamentos e também pela paciência nas incansáveis revisões demonstrando toda sua competência.

As minhas amigas Fátima, Cristiane e meu amigo Maike pela força nos momentos finais e problemáticos deste trabalho, que tanto me ajudaram nas dificuldades e lacunas presentes neste estudo.

A Solange, Janaína e Aroldo que mesmo distantes, sempre estiveram presentes com suas amizades.

A minha mãe, Erundina e aos meus familiares que tanto acreditaram em mim. Fazendo-me acreditar que à distância não é nada, quando se tem amor e carinho.

Aos meus irmãos, José, Vanessa, Davi, Any, em especial Júnior e Val pela paciência, apoio e incontáveis horas em ligações telefônicas (risos).

Aos professores de antropologia Nádia, Fernanda, Silvia e Rachel pela fonte de inspiração, dando-me gosto pela antropologia.

A todos os professores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, em especial: Evelina, Júlio Cesar, Evaldo, Anabuki, Arim e também aqueles que não fazem mais parte do corpo docente: Amurabi, Breitner e Pedro, muito obrigado por todos os ensinamentos.

A todas as artesãs e artesãos do Pontal da Barra, pelos dias, disponibilidades prestadas e discussões ricas que resultaram nesta pesquisa.

*“Viver em ti é sempre flutuar,
Nas águas turvas da lagoa morna,
Ante os murmúrios lânguidos do mar,
Sob esse coqueiral que a tudo adorna.
Entre o mar e a lagoa tu flutuas,
Ao léu das ondas e das águas mansas,
“Língua de terra”, clara à luz das luas,
E quente ao sol do céu que não alcanças.
Foram os ventos vindos do nordeste,
Que te fizeram longa até a “barra”,
Onde o “Pontal”, furando a água, investe.
Índios que viram teu primeiro viço,
Deram-te o nome que à forma te amarra:
- Maçai-o-g- “o que tapou o alagadiço”.”*

(Ivan Fernandes Lima - Maceió a cidade restinga, 1989)

“o choque [...], que brota da natureza particular da empreitada etnográfica, é tido como um choque entre ver as coisas como se deseja que elas sejam e vê-las como realmente são”.

(Clifford Geertz – A interpretação das culturas, 1997)

RESUMO

Esta monografia resulta de um estudo etnográfico realizado junto ao bairro do Pontal da Barra, em Maceió. A partir do saber passado de geração a geração, as artesãs executam suas peças de filé manualmente e vendem, geralmente no próprio bairro ou em mercados artesanais distribuídos pela cidade. É um artesanato feito pelas mãos delicadas das mulheres, utilizando linhas, bastidor e agulha. O Pontal encontra-se no extremo sul da cidade de Maceió, tornou-se um ponto a ser visitado por turistas de várias regiões e nacionalidades. O “progresso”, digamos assim, trouxe o tombamento da área verde que circunda o bairro, o reconhecimento do filé como prática cultural e o desenvolvimento do turismo; trouxe com isso as contradições e transformações sociais para esta comunidade lagunar. O estudo busca compreender como os moradores, à sua maneira, lidam com tais mudanças no trabalho cotidiano, frente à comercialização desta produção num contexto de mercado globalizado. Deste modo, busca-se apresentar a circulação da produção do filé nesta comunidade, uma vez que pode considerá-la um produto direto da interação e ação humana da mesma.

Palavras-chave: Maceió; Pontal da Barra; Artesãs do Filé; Turismo.

ABSTRACT

This monography is a result of an ethnographic study performed in Pontal da Barra neighborhood, in Maceió city, state of Alagoas, Brazil. Based on the knowledge passed down from generation to generation, craftswomen sew their filé pieces and usually sell them in their own neighborhood or in handicraft markets spread throughout town. Filé is an artisanal woven fabric made by women's delicate hands using yarns, embroidery hoop, and needle. The Pontal area is located on the south of Maceió and has become a touristic attraction for people from different regions of Brazil and the world. "Progress" in Maceió city caused the recognition of the green area that surrounds Pontal and the filé as cultural heritage. The "progress" increased also tourism as well as social contradictions and transformations in that lagoonal community. This study aims to comprehend how the people from Pontal community face the changes introduced in their daily work routine by the commercialization of their products on a global market. Thereby, this study aims to show the circulation and production of filé in the Pontal community since its manufacturing is considered a direct result of human actions and interactions.

Keywords: Maceió; Pontal da Barra; Filé Craftswomen; Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Foto 1: Lagoa Mundaú, Pontal da Barra. | 17 |
| Foto 2: Outdoors da rua que dá acesso ao Pontal. | 17 |
| Foto 3: Turista observando no Pontal. | 18 |
| Foto 4: Loja Tradicional do Pontal. | 18 |
| Foto 5: Bolsas penduradas em loja no Pontal. | 18 |
| Foto 6: Avenida Alípio Barbosa, Pontal. | 18 |
| Foto 7: Agulha e espaçador de malha. | 22 |
| Foto 8: Agulha e espaçador de malha. | 22 |
| Foto 9: Novelo customizado. | 24 |
| Foto 10: Sebastião vendedor de rede/malha. | 24 |
| Foto 11: Peça de filé secando ao sol. | 24 |
| Foto 12: Artesã confeccionando filé. | 24 |
| Foto 13: Loja simples. | 37 |
| Foto14: Loja mais sofisticada. | 37 |
| Foto 15: Filé de Orós-CE. | 47 |
| Foto 16: Filé do Pontal/al. | 47 |
| Foto 17: Crianças no Pontal. | 49 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Dados das entrevistas realizadas no Pontal da Barra..... | 30 |
| Tabela 2 - Dados do CELMM de maior incidência para produção..... | 44 |

LISTA COM ABREVIações E SIGLAS

CELMM - Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PAB - Programa do Artesanato Brasileiro.

SEPLANDE - Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico.
Atualmente, Secretaria de Estado do Planejamento Gestão e Patrimônio (SEPLAG).

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1.INTRODUÇÃO | 11 |
| 2.PONTAL DA BARRA E SUAS PECULIARIDADES | 15 |
| 2.1.Localização e características gerais do Pontal..... | 16 |
| 2.2.O que torna o Pontal incomum | 19 |
| 3.CONHECENDO O FILÉ | 22 |
| 3.1.Rendas de filé ou bordado de filé? | 25 |
| 3.2.Cultura do Filé: suas práticas e representações..... | 26 |
| 3.3.A importância do filé como atividade de rendimentos..... | 33 |
| 4.A TRSMISSÃO DA TRADIÇÃO DO FILÉ | 35 |
| 4.1.O artesão | 35 |
| 4.2.O revendedor..... | 35 |
| 4.3.O lojista..... | 36 |
| 4.4.Entrevistas com os artesãos do filé | 38 |
| 4.4.1. <i>Juliana</i> | 40 |
| 4.4.2. <i>Dona Graça</i> | 42 |
| 4.4.3. <i>Francisca</i> | 42 |
| 4.4.4. <i>Efigênia</i> | 43 |
| 4.4.5. <i>Sebastião</i> | 44 |
| 4.4.6. <i>Aécio</i> | 45 |
| 4.5.Crianças e suas ligações com o espaço chamado Pontal..... | 47 |
| CONCLUSÃO..... | 50 |

1. INTRODUÇÃO

Em Alagoas, segundo Dantas (1986), entre os artesanatos mais expressivos encontra-se o filé. É uma arte e uma técnica manual mantida por várias gerações de artesãos.

É considerado um bem cultural regional, mantido em comunidades de pescadores, ambiente característico da região alagoana, e isso ocorreu devido ao fato dos moradores possuírem habilidades para o ofício ligado à rede de pescaria (Dantas, 1986).

O filé, por ser uma atividade ligada à rede de pesca, é frequentemente encontrado na região do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba, descrito como CELMM, local de grande predominância da pesca. Normande (2000, p. 23), descreve que:

do ponto de vista político administrativo, o CELMM abrange sete municípios: Maceió (capital do estado), localizada à margem nordeste da lagoa Mundaú; Rio Largo e Satuba, situadas na foz do rio Mundaú e Santa Luzia do Norte e Coqueiro Seco, ao longo da margem sudoeste da lagoa Mundaú; lagoa Manguaba é circundada por terras dos municípios de Marechal Deodoro, à jusante, e Pilar, à montante. Exercem influência no CELMM ainda diversas atividades sócio-econômicas desenvolvidas ao longo das bacias hidrográficas, no entorno das lagoas e canais e na plataforma continental.

O fato dos moradores possuírem habilidades para o ofício ligado à rede de pesca fez com que o filé fosse realizado a partir de uma rede semelhante à rede de pesca, diferenciando-se apenas do fio utilizado, ou seja, a rede dos pescadores é confeccionada com fio de nylon enquanto a do filé com linha (fio) de algodão.

O filé não se sabe exatamente sua origem no Estado. Tem-se o conhecimento de que é um ofício milenar, seus precursores foram os persas e os egípcios, como descreve Julião (2009) e diversos outros pesquisadores. Porém, como chegou ao Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba? Como questiona e responde Silva¹. Segundo a autora, para “vários historiadores e comentaristas que se reportam aos colonizadores portugueses e aos conventos de freiras, pois se

¹ SILVA, Marta. Ibid.

aponta a presença da Igreja nessa cadeia produtiva como consumidora de vestuário suntuoso e rico”.

O objetivo principal desse estudo é descrever sobre essa atividade produtiva e os sujeitos envolvidos na produção e na comercialização no bairro Pontal da Barra em Maceió. Por se tratar de uma localidade que se diferenciava das demais produtoras do filé dentro do CELMM, devido a um potencial turístico que alavanca as vendas do artesanato de um modo geral, ficou delimitado o trabalho no bairro, devido a sua grande importância na produção e comercialização.

O estudo ocorreu com pesquisa a campo no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013, foram realizadas entrevistas com os artesãos, comerciantes, vendedores e compradores do filé. Através das idas frequentes a essa região foi possível identificar como as famílias se organizam no âmbito socioeconômico e cultural, distribuindo-se em diferentes atividades associadas à cadeia produtiva do filé.

Obtive meu primeiro conhecimento sobre o filé e o CELMM, durante uma disciplina eletiva Pesquisa Etnográfica no último semestre de 2011. Esta pesquisa sobre a tarefa: “*Indicação Geográfica-IG Filé das lagoas Mundaú-Manguaba*”, realizada pelo Laboratório da Cidade e do Contemporâneo, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alagoas em parceria com o SEBRAE-AL. O objetivo do estudo era o da patrimonialização do bordado Filé² de Alagoas.

Mas este presente estudo não está ligado com essa pesquisa, “da disciplina eletiva”, uma vez que a partir de janeiro de 2012 fui a campo para outras entrevistas e observações, pois, me utilizo com outros envios de questionamentos que foram relatados durante esse período específico. Sendo assim, o estudo de campo ocorreu até 2013, e até esse período atual, março de 2016, foi para estruturação e elaboração escrita, sem idas a campo, uma vez que já tinha os dados.

Com isso, o debate teórico é focado na relação do ofício do saber-fazer filé em meio à dinamicidade da vida globalizante capitalista, onde é frisado o sentido de

² SILVA, Marta Melo, em seu artigo *bordado ou renda Filé?* in **Caderno Saber - Gazeta de Alagoas**, descreve que o “Filé’ está catalogado internacionalmente como Bordado e ele, de fato, o é”. Disponível: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=249332>>. Acesso em 10 de mar. de 2016.

pertencimento como indivíduos detentores de um saber que estariam além da esfera de mercado.

Dentro dessa perspectiva, envolvendo um trabalho manual e de mercado atual com características cada vez mais global, cabem vários questionamentos que aparecerão no decorrer da pesquisa, como por exemplo: a razão pela qual o Pontal é lugar de destaque na comercialização e não nos outros municípios do CELMM. O que a visibilidade do mercado do filé proporcionou ao bairro Pontal e na vida dos pontalenses. Questionamentos como esses são destacados no decorrer este trabalho de pesquisa.

No primeiro capítulo, “Pontal da Barra e suas peculiaridades” procuro trazer para o leitor o contexto no qual se deu todo o estudo, descrevendo o bairro: as características demográficas; os contrastes socioeconômicos e a relação com seus agentes, por sua vez abrangendo também questões de territorialidade e tradição.

No segundo capítulo, “Conhecendo o filé” abordo as questões de tradicionalidade e cultura, bem como se define o sentido de pertencimento na comunidade-alvo. São definições relevantes, para que se possam entender os dois capítulos posteriores em relação aos “interlocutores” aqui apresentados.

No terceiro capítulo, “A Transmissão da tradição do filé” descrevo o contexto em que vivem os artesãos do Pontal, por meio de entrevistas, conversas informais e observações do seu cotidiano, bem como descrevo a circulação do filé como mercadoria. Ou seja, as transações de mercado, a compra, a venda, o lucro e quem são as pessoas por trás dessas dimensões comerciais, correlacionando-as com o saber-fazer que, por sua vez, acrescenta transformações e novos caminhos ao filé.

O comércio motiva a criatividade, a invenção de novos pontos e de novas peças, trazendo uma reflexão sobre diferentes realidades que puderam ser vistas no decorrer da pesquisa, como por exemplo, os artesãos nativos do Pontal e os “de fora” que abastecem o Pontal, mas todos têm o filé como fonte de renda para o sustento da família.

Descrevo também as narrativas de uma nova geração de aprendizes. Mostro um grupo de crianças, que vendem suas próprias peças nas calçadas e no perambular do bairro. Muitas têm em torno de oito a treze anos de idade. Desta

forma, tento trazer seus dilemas e flexibilidades em meio às suas dificuldades e vulnerabilidade dentro da comunidade, na qual vivem e trabalham.

2. PONTAL DA BARRA E SUAS PECULIARIDADES

Durante a pesquisa de campo, percorri o Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba, conhecido na linguagem dos especialistas como CELMM. Passando pelo bairro do Pontal da Barra, em Maceió, e pelos municípios de Marechal Deodoro, Pilar, Coqueiro Seco e Santa Luzia do Norte. Porém, o estudo se direcionou particularmente para o Pontal da Barra, devido ao fato da localidade ser a de maior expressão na comercialização do filé, sendo esse o meu objeto de pesquisa.

Contudo, não se tem como tratar do Pontal sem mencionar o CELMM como um todo, pois este estudo traz algumas características que se torna necessário uma correlação entre ambos, e assim, desempenhar melhor entendimento, uma vez que, a confecção do filé se passa por uma cadeia de produção vinculada a toda essa área propriamente dita.

Caracteristicamente o CELMM, de acordo com a *Enciclopédia dos municípios alagoanos* (2012), possui em sua topografia comum de planície que margeia as lagoas, seguida de uma elevação acentuada, denominada de tabuleiro. A pesca e as atividades artesanais são predominantes nas planícies e os tabuleiros são mais voltados para o plantio de cana-de-açúcar.

O CELMM tem na pesca uma de suas bases econômicas, apesar da escassez de peixes que vêm aumentando gradualmente, o que na concepção dos ribeirinhos, acontece devido ao fato do agravamento das questões ambientais, poluição dos afluentes e assoreamento das lagoas. Atualmente, o CELMM tem na pesca, no artesanato, no turismo e na cana-de-açúcar sua base econômica.

Esta região também abriga uma valiosa riqueza da fauna e da flora, que vem sendo sistematicamente degradada pela ação do homem, levado pela necessidade expansionista do capitalismo. Segundo Vieira (1997), extinguiram-se de forma irreparável muito recursos naturais, essa necessidade de crescimento, progresso e expansão, bem como em nome da especulação imobiliária, continuam deteriorando o bem natural contido nessa região, como por exemplo, os danos aos recursos

naturais no Pontal. Vieira (1997, p. 27), descreve também os problemas com a Indústria Braskem (antiga Salgema) nesta área de restinga, denunciando-os,

efeitos poluentes da Salgema é uma constante, desde sua implantação e até os dias atuais. Trata-se principalmente da poluição do ar, da água e do solo, pela eliminação de resíduos que fazem parte do processo produtivo, e do risco de acidentes na operação da fábrica, que provoquem vazamentos que podem atingir dimensões e níveis de periculosidade variáveis.

Toda a região do CELMM passa por um intenso processo de degradação ambiental, e o Pontal por se encontrar ao lado de uma indústria tornar-se ainda mais vulnerável, devido aos seus valores turísticos, bem como sua dependência econômica com os recursos naturais locais: os peixes e crustáceos da lagoa, os passeios de barco para as nove ilhas. E assim a comunidade pontalense é alvo de crescentes agressões ambientais.

A denominação pontalense é dada por alguns autores que retratam os moradores do Pontal da Barra, um deles é a pesquisadora Vieira (1997).

2.1. Localização e características gerais do Pontal.

O Pontal da Barra está localizado entre a lagoa e o mar, com ruas sinuosas, casas simples e estreitas, preservando aspectos de uma comunidade ribeirinha, advinda de uma origem de vila de pescadores.

Em seu processo de formação como bairro, as ruas sinuosas e estreitas acompanham o traçado da margem da lagoa e os logradouros transversais traçando caminhos entre as dunas, que segundo Vieira (1997), nada se comparam ao padrão do urbano de ruas retas, o que tornam Pontal "*sui generis*".

A principal rua do bairro é a Alípio Barbosa onde se encontra várias residências que são voltadas também para o comércio, isto é, casas/lojinhas de artesanato. São casas de arquiteturas que se assemelham, com frentes estreitas e quintais voltados para a lagoa.

São casas com funções de loja, no primeiro cômodo, e o restante da casa como domicílio que abriga toda família. Esse tipo de estabelecimento pode se considerar como as mais tradicionais do bairro.

O último espaço na prolongação da rua Alípio Barbosa é o antigo caminho da praia, logo após a Associação de Pescadores, por ser uma área reformada na década de 1980. A rua compõe-se de lojas maiores do lado direito e por pequenas do lado esquerdo, fazendo fronteira com o estacionamento dos ônibus de turismo.

Foto 1: Lagoa Mundaú, Pontal da Barra.



Foto 2: Outdoors da rua que dá acesso ao Pontal.



Fonte (1 e 2): Vanise Ferreira Costa.

Ultrapassando essa primeira aglomeração de pequenas lojas, na rua principal é possível observar uma galeria com vários boxes pequenos, bem como várias lojas de maior porte mais a frente (ver fotos abaixo), porém com pouca oferta de filé, seus produtos, em sua maioria, são: rendendê, redes, tapetes, esculturas de madeiras e utensílios de decoração. Outra particularidade das lojas maiores é sua funcionalidade exclusiva, em contraste com as pequenas lojas que são residências com ponto comercial.

É possível observar que o bairro possui características acentuadas como: isolamento, limites definidos, de outros bairros devido ao muro da indústria Braskem; a economia com base na produção do artesanato e da pesca; tombamento das poucas áreas de dunas.

Pontal está ligado ao bairro do Trapiche da Barra através de uma zona de transição e de limites definido, como descrito por Vieira (1997), tornou-se “isolado” por sítios e pela indústria Salgema, atual Braskem. Em 1985 houve uma tentativa de fechamento dessa estrada que liga os dois bairros, mas a população do bairro

insatisfeita com essa atitude mobilizou-se com manifestações e protestos fazendo com que a indústria voltasse atrás.

Foto 3: Turista observando no Pontal.



Foto 4: Loja tradicional do Pontal.



Fonte (3 e 4): Vanise Ferreira Costa.

Foto 5: Bolsas penduradas em loja no Pontal.



Foto 6: Avenida Alípio Barbosa, Pontal.



Fonte (5 e 6): Vanise Ferreira Costa.

Segundo os moradores do Pontal, em tempos remotos, existiam dunas em toda orla marítima, mas o desmatamento e a construção da Braskem acabaram com esse visual, apenas com o tombamento da área verde, também chamada de “cinturão verde” proporcionou a preservação da fauna e da flora nessa região.

Na descrição da *Enciclopédia dos Municípios de Alagoas (2012)*, a construção da rodovia AL 101-Sul interliga-se através da ponte de Maceió ao município vizinho Marechal Deodoro, proporcionando melhor acesso aos outros municípios do litoral sul do Estado. Porém trouxe também impactos ambientais nessa parte da restinga.

2.2. O que torna o Pontal incomum

Inserido no complexo de formação dos bairros de Maceió, Pontal possui aspectos divergentes dos outros bairros, se assemelha com uma comunidade do interior, pacata e de sossego, com casas simples, sem prédios e que nada faz lembrar a dinâmica de um bairro a poucos quilômetros do centro urbano da capital. A dinâmica socioeconômica do bairro, as formas das residências e a lagoa também moldaram para esse aspecto peculiar. Como demonstra a análise de Vieira (2003, p.54)

De ocupação antiga, um dos primeiros bairros de Maceió, a restinga era tradicionalmente ocupada por sítios de coqueirais, dunas, e por uma vila de pescadores e rendeiras. De vocação turística, o bairro passou por uma transformação recente na atividade econômica, transformando-se no bairro das rendeiras, e de restaurantes de comidas típicas, ficando a pesca como atividade de subsistência e lazer.

Pontal como descrito por Vieira (2003) vem de uma tradicional vila de pescadores que tinha na pesca artesanal como principal atividade econômica e devido às transformações com a poluição da lagoa, levando a escassez de peixes o artesanato tomou lugar no cenário pontalense.

Pontal segundo o senso do IBGE de 2010³ tem população de 2.478 habitantes, dentre as quais 1.295 são mulheres e 1.183 são homens. Contrastes em relação aos outros bairros, com mercado de artesanato e ambiente singular, o fazem ter momentos de visibilidade e de muitos transeuntes em meio a pouca urbanidade.

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível no site: <www.sidra.ibge.gov.br>. *Tabela de número 1309 – População residente, por sexo, situação e localização da área. Acesso em 14 de maio 2014.

Assim, tornou-se também o principal itinerário do turismo da região do CELMM, seu aumento tem contribuído para o crescimento da produção do filé.

O bairro como é reconhecido como comunidade tradicional de artesãos pelos jornais, pesquisadores, intelectuais e a mídia em geral. Desta forma, remete o que nos diz Dantas (1986, p. 31):

O artesanato em Alagoas, como em todo nordeste é um traço marcante na cultura regional [...]. Encontram nele uma fonte subsidiária da renda familiar. São comunidades agrárias, em sua maioria, embora existam também artesãos urbanos.

Com isso, não se pode deixar de notar, a natureza da fonte de renda das famílias nas cidades, não estão mais relacionadas a um histórico do passado de trabalhos braçais e agrários. Estamos numa época de grandes avanços tecnológicos, como remete Antunes (2003), e podemos perceber a queda de diversas profissões, por exemplo, como de pescadores, bem como a relativização de outras, desenvolvendo uma nova lógica e assim adquirindo novos significados.

Todavia, trabalhos artesanais prosperaram à medida que obteve um aumento do fluxo do turismo, por sua vez expandindo o campo da oferta e da procura, ou seja, tornando-se importante na fonte de renda dos artesãos. Logo, tem o filé confeccionado pelos próprios moradores do bairro, nos quais transformam suas casas em pequenas lojas, onde são comercializadas diversas peças, assim garantindo a renda para o sustento de toda a família.

Os artesãos das demais áreas do CELMM levam sua produção de filé para abastecer o mercado do Pontal e da orla turística de Maceió (especialmente na praia da Pajuçara).

Pontal tornou-se centro do turismo e do mercado para o artesanato do filé. Favorecido pelas agências de turismo e pelo fomento de programas de políticas culturais do Estado, bem como as iniciativas empresariais que explicam o crescimento da popularidade dessa comunidade.

Desse modo, o filé é um ofício relevante para uma comunidade, que passa a tê-lo como atividade principal. Ele pode ser visto como “autêntico”, no qual quero ater aqui, que é no seu modo “único” de fazer, uma vez que a cultura converte-se numa forma única de se expressar as identidades culturais de seu povo. Assim, se

diferencia dos demais em outras localidades – cidades, estados e países. Com isso, uma região poderá ter o gosto pelo filé, ora pelas cores, ora pelo o ponto mais detalhado, a espessura da malha, algo que o torne específico daquela região.

Para o antropólogo Fredrik Barth (1998) essa questão de diferenciação cultural pode ser explicitada perante o conceito de fronteira que é representado como jogo de interesse, no qual entra em disputa códigos e diferenças culturais significantes para a comunidade. Compreender como essas fronteiras étnicas são mantidas segundo um conjunto imitado de traços culturais que entram em disputa no momento de interação social entre os grupos é de suma relevância, para que se possa sustentar a diversidade cultural, visto que as fronteiras persistem mesmo com o fluxo de pessoas que as travessa.

A produção do filé atua como uma expressão de significados nas narrativas e representações da ação dos moradores no bairro, e os levam também a uma categoria de “identidade cultural”, como enfatiza Cucho (2002) e também Barth (1998), um conjunto vinculado em um sistema social que permite atores localizarem-se socialmente e culturalmente, se incluindo ou excluindo. No caso do Pontal, por exemplo, seriam aqueles que frequentam, mas não residem no bairro, embora pratique a mesma atividade, a comercialização do filé, numa modalidade social de identidade, ora que os une, por serem artesãos, ora os separam, por não habitar na comunidade pontalense.

Nota-se que ser nativo do Pontal e saber o ofício do filé é bem mais atrativo aos olhos de quem vai ali comprar o produto. Há certa identidade que os artesãos, de alguma maneira, se orgulham e tentam preservar, com seus discursos que diz assim: *“Aqui as mulheres já nascem sabendo fazer filé. Aqui toda mulher sabe fazer filé”*. São frases como estas, que se percebem o quanto estas pontalenses querem se firmar como artesãs que são.

3. CONHECENDO O FILÉ

O filé é executado manualmente sobre uma rede/malha de linha de algodão com desenhos geométricos e/ou florais, trabalhados para formar uma diversidade de pontos. Cada peça tem mais de um tipo de ponto, que requer criatividade e memória do saber-fazer de quem o tece. Desde modo, podemos classificar a confecção em três etapas:

A primeira etapa do trabalho consiste na preparação dessa rede/malha, com linha resistente, utilizando agulha de jenipapo⁴ ou com agulhas confeccionadas a partir de plástico de PVC, existem também outros tipos de materiais de agulhas como a de resina (ver foto abaixo).

Foto 7: Agulha e espaçador de malha.



Foto 8: Agulha e espaçador de malha.



Fonte (7 e 8): Vanise Ferreira Costa.

A agulha é a mesma utilizada para a confecção da rede de pescaria, embora algumas sejam menores e mais finas. A dimensão da malha é definida pelo molde, constituído de palheta de bambu bem polida. Depois de pronta, a rede é esticada no tear.

A rede/malha de filé também é semelhante a da rede de pesca, mas usa-se apenas um “nó”, com objetivo de não a soltar com tanta facilidade como a de nylon utilizada na rede de pescaria.

⁴ Jenipapo - árvore da família das lecitidáceas e hoje escassa na nossa região alagoana.

Segundo seu Sebastião que faz e vende rede: *“No Pontal para vender a rede, ela deve ser bem feita, ter a malha pequena e sem defeito, pois senão não consigo vender minha mercadoria lá, volto para casa com tudo”*.

Com a rede pronta, ela é esticada e presa com outra linha prendendo a rede no tear/grade. Espécie de bastidor composto por quatro traves de madeira que se prende nas extremidades, formando uma armação quadrada ou retangular, dependendo do tamanho da peça a ser tecida.

Na segunda etapa, o artesão com uma agulha grossa de metal (agulha de costura) passa a encher a rede com linha em fio duplo, com um conjunto de pontos denominados de motivos. O preenchimento é feito com cuidado para não sujar a peça, e assim, depois de dá início ao preenchimento da rede com pontos formando motivos de filé, como por exemplo, cerzido, olho de pombo entre outros.

Os pontos são traçados sobre a rede, contando os orifícios da malha, para delimitar o contorno, dando traçado ao desenho que deseja executar. Vai preenchendo a rede prendendo a linha em pontos estratégicos, pois não existe risco/molde como alguns tipos de bordados feitos em tecidos (ponto rococó, ponto cheio e ponto de cruz) que se encontra em revistas especializadas. Assim, os pontos vão compondo a trama com muito colorido, são criados e recriados pelas mãos das artesãs, o que faz do filé uma identidade cultural, uma vez que é influenciada por sua cultura e pela comunidade a qual pertence.

E na terceira etapa, com a peça pronta antes de retirar do tear, os artesãos fazem reajuste no acabamento concluindo com o matame, cortando pontas das emendas da linha e escondendo-as. Logo após, será o ato de “engomar”, passa camadas de goma (feita com amido de milho e água) e coloca-se ao sol para secar, depois de secar retira-se do tear e o recorta acompanhando assim os matames. A peça é retirada da grade e passada a ferro pelo avesso, assim está pronta para comercialização. Durante o processo de criação do filé são necessários:

- A escolha do tear adequado;
- A escolha da linha;
- A escolha e combinação das cores;
- A confecção da rede/malha (trama quadriculada);
- O enchimento da rede, denominado de cheio;

- O matame;
- A colocação da peça na goma.

Atualmente, a diversidade de cores das linhas e novelo mesclado trouxe para o filé mais colorido, bem como mais diversidade de produtos para o mercado do Pontal. Pois, nas histórias das artesãs mais antigas, com as quais tive contato, Sônia e Dilma, as linhas eram tingidas com folha de frutos da terra, como o urucu, ficando na cor amarela; a cor bege era conseguida com palha de cebola ou bucha de coco; a salsa (alga marinha) da praia dava o roxo, enquanto o marrom forte era extraído do murici. Também, tingiam a linha com chá preto, borra de café, barbatimão e outros recursos que a sabedoria popular indicava. As mesmas relatam que, com o surgimento da tinta guarani (marca), esse processo de pigmentação ficou mais fácil.

Foto 9: Novelos customizados.



Foto 10: Sebastião vendedor de rede/malha.



Fonte (09 e 10): Vanise Ferreira Costa.

Foto 11: Peça de filé secando ao sol.



Foto 12: Artesã confeccionando filé.



Fonte (11 e 12): Vanise Ferreira Costa

O filé do Pontal tem grande parte da produção dividida com mais de uma artesã, ou seja, uma faz a rede e repassa para fazer o cheio e outra se encarrega de colocar a goma. São poucas artesãs que fazem desde a rede até o processo de engomar.

Deste modo, com o filé dividido em etapas, se forma uma cadeia de circulação sobre o filé, onde se produz interligação com outros municípios do CELMM, visto que, essa divisão colabora para existência de vendedores da rede/malha e também para peças prontas que serão negociadas no mercado do Pontal.

A produção de filé no Pontal é diversificada, encontram-se peças, tais como: toalhas de mesa, colchas, jogo americano, roupas: saída de praia, blusas, vestidos, coletes, saias, camisas masculinas, dentre outros acessórios.

3.1. Rendas de filé ou bordado de filé?

De modo geral se utilizam dois termos para denominar o filé: bordado e renda. Alguns estudiosos do assunto afirmam que o termo apropriado seria bordado de filé, como descrevem os estudiosos Cavalcanti e Silva (2014, p. 17), ao distinguir o significado de bordado e de renda,

O “filé” está catalogado internacionalmente como Bordado e ele, de fato, o é. Considera-se “bordado” todos os trabalhos exercidos por meio de uma agulha sobre qualquer tipo de suporte preexistente... Quanto ao bordado filé, ele é executado sobre uma superfície de fios tramados e não sobre um tecido já constituído, sendo essa sua característica peculiar. Considera-se “renda” a trama de fios confeccionada com a ajuda de pequenas peças de madeira, entre materiais, que gera como produto final uma superfície plana com cheios e vazios. Esse “pano” que se forma é a “renda” [...].

Mas, não pretendo distinguir aqui rigorosamente como se levou a tais argumentações técnicas da classificação como “bordado de filé”, de modo que, essa não é a real intenção deste estudo, e sim definir o campo/objeto aos moldes de uma etnografia mais descritiva dos dados aqui propostos.

Busco uma perspectiva etnográfica que traça a curva de um discurso social e que não seria plausível uma resposta às questões aqui apresentadas nas dimensões de tais categorias como as de “renda ou bordada”, uma vez que,

proponho uma análise vinculada às ferramentas relevantes para engendrar o universo humano nos quais estão elementos como: econômico, ambiental, histórico, cultural e político, que estão entremeados nos relatos encontrados a campo propriamente dito pelos interlocutores. Deste modo, não se tem controle sobre isso, pois somos uma “invenção”, isto é, uma cultura, não é porque é inventada que não seja real, somente a partir do momento que é apropriada a cultura tornar-se real, como diria Kuper (2002).

Quando questiona se a forma correta é bordado de filé ou renda de filé, isso implica que não interessa se existe ou não o correto, e sim, nos voltarmos para a crescente busca em compreender e justificar que são reais, pois são vivenciadas nas falas desses artesãos.

3.2. Cultura do Filé: suas práticas e representações

Tomando por base a noção de cultura de Geertz (1997) onde a cultura é uma teia de significados produzida pelos integrantes de uma sociedade, de modo que a análise da cultura não poderia ser de uma ciência experimental a procura de leis, mas de uma ciência interpretativa a procura de significados.

A cultura dos artesãos está cheia de “significações e símbolos”, apenas quando adentramos em seu universo, entendemos a dimensão e a importância do saber-fazer para esses indivíduos.

A relação comunidade e artesão em toda sua dinamicidade detêm em si seu próprio significado. São espaços e comportamentos desejáveis que permeiam num contexto incluindo o universo do trabalho, ou seja, de se fazer o filé, que torna um conjunto de diversas referências que marcam a existência humana no mesmo local casa/trabalho, público/privado.

O filé é para o artesão mais que um trabalho, é uma atividade que possibilita visibilidade. Um saber-fazer de sentir-se útil, uma atividade com sentido de ser “visto”, ora pelo turista, que passa a sua porta, ora para toda a comunidade. Sua prática é ofício e também territorialidade, ou seja, associada à cultura local, nos seus gostos, modos e costumes, até mesmo espaços contínuos que se desenrola em sua

vida cotidiana, o que faz dele se afirmar como habitante e ao mesmo tempo como artesão. Como compreendido nas palavras de Dantas (1986, p. 31):

(...) a atividade artesanal dilui-se no próprio cotidiano do homem, retratando a sua realidade. Realidade que é integração da vida ao meio-ambiente (...). Lutando para sobreviver, o homem é levado a produzir e criar, utilizando o material que lhe está mais próximo. Daí os fatores ecológicos definirem a modalidade do artesanato pela abundância de matéria-prima, enquanto técnica empregada é uma decorrência da formação histórica da comunidade.

Dado o reconhecimento como bairro dos artesãos, reproduz um discurso nos seus habitantes como pessoas providas de habilidades da prática do saber-fazer filé. Evidentemente, não são todos os habitantes que sabem esse ofício, mas produzem identidades que ultrapassam os seus vários “eus” do sou artesão, e se tornam “nós” somos artesãos. Aspectos estes de identidade coletiva que os distinguem dos “outros” e ao mesmo tempo o tornam um “protótipo” de habitante do local, isto é, onde a cotidianidade é a sua precondição.

Para Barth (1998) a questão de fronteira do grupo serve para essa dicotomia nós/eles, como uma forma de fixar símbolos identitários, que mostram a origem em comum. No qual os atores identificam-se e são identificados pelos outros, de modo a construir relação categorial pelos “de fora”, os não membros, e a identificação com um grupo em particular.

E a capacidade do artesão de criar e recriar, bem como adaptar-se as situações no próprio contexto, apresentam também como tradicionalidade e fazem refletir que o artesanato não é estático, mas sim mutável. Pois, o artesanato é um fragmento da cultura popular fazendo parte de repertório associado á identidade nacional, Arantes (2004).

O ofício do filé cumpre importante papel, especialmente para uma parcela expressiva da população pontalense, devido à carência de oportunidades no mercado de trabalho alagoano, pois se encontra, segundo a pesquisa do censo 2010 divulgada pelo IBGE⁵, com os piores índices sociais do país, apesar de estarmos em 2012, estes índices não têm melhorado como mostram as estatísticas.

5 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, recenseamento 2010.

O Estado passa por dificuldade em avançar nas aplicações de políticas públicas em favor de uma melhoria nos indicadores socioeconômicos. Todavia, é nesse campo infértil que o filé vem fortalecendo seu poder de produção e comercialização, isto é, uma forma de fonte rentável para as pessoas.

Estima-se que há em Alagoas doze mil artesãos⁶, que encontram no artesanato uma forma relevante de trabalho. Todo esse cenário alagoano no Pontal percebe as diferentes realidades, onde busca no artesanato uma forma de se integrar ao mercado de trabalho, principalmente as mulheres que carregam um peso histórico na sua inserção no mercado. Com isso, o ofício do filé para as mulheres tem grande significado e as tornam economicamente ativas.

Predominantemente o filé é um ofício exercido pelas mulheres, transmitido ao longo das gerações, porém podemos encontrar alguns homens neste ofício, uma vez que, se tem ocorrência de desemprego, os homens ociosos buscam ajudar suas famílias nas etapas da confecção do filé, bem como outros adotam a prática como profissão. Contudo, número pouco expressivo de homens nesse campo de trabalho no Pontal. Dantas (1986, p. 34) relata que:

Maceió, cidade de considerável fluxo turístico, a renda é produto muito procurado e por isso mesmo os homens também participam da sua comercialização, quer vendendo produto confeccionado por sua mulher e filhas, quer como atravessador, montando pequenas lojas para consumo de turistas. Esse comércio dá-se no Pontal da Barra, comunidade lacustre e maior centro artesanal de Alagoas.

Para Dantas o filé é um saber-fazer tipicamente feminino, cabendo o homem o papel da comercialização, mas nos dias atuais os papéis das artesãs vão além da confecção, cabe a elas a administração do seu próprio negócio. Nota-se no Pontal que a maioria das lojas é administrada pelas próprias artesãs, estas se encontram na confecção e na comercialização como um todo.

O impacto que a produção de filé pode gerar na vida dos artesãos dessa comunidade é um aspecto considerável no auxílio da renda familiar. À medida que, questão de gênero também pode ser analisada na sua dinâmica de espaço, isto é, o papel que é ocupado por cada um, homem e mulher, onde a mulher é vista também como provedora do sustento muitas vezes de toda a família.

6 Dados de 2011 da SEPLANDE, atual SEPLANG e SEBRAE em relação ao PAB (Programa de Artesanato Brasileiro).

É sabido que a desigualdade salarial das mulheres no Brasil em relação aos homens, mesmo nos dias atuais é visível, apesar da crescente participação da mesma no mercado de trabalho, ainda ocorre essa disparidade.

Todavia, quando se trata do artesanato filé esse aspecto seria quase nulo, ou seja, a venda do filé se daria sob as mesmas condições mercadológicas em ambos os sexos. Com isso, pode-se fazer uma analogia segundo as conclusões da autora Dantas (1986) ao enfatizar que, o artesanato seria um universo predominantemente feminino. De certo modo, são vistos como afazeres femininos e que os homens seriam exceções neste ofício do saber-fazer filé, ou seja, não havendo uma competição no mercado de trabalho por maior remuneração entre ambos.

Dessa forma, durante todo o trabalho a campo constatei uma quantidade relativamente pequena de homens nesse ramo de atividade (ver Quadro-1 na p. 30).

Quadro 1 - Dados das entrevistas realizadas no Pontal da barra.

| Artesão | Juliana | Francisca | Efigênia | Sebastião | Guilherme | Dilma | Leda | Graça | Sônia | Aécio |
|--|-------------------|---------------------|------------------------|--------------------|--------------------|--------------------|----------------------|-------------------------------------|--------------------|----------------------|
| Idade (anos) | 30 | 25 | 47 | 55 | 41 | 72 | 72 | 57 | 76 | - |
| Estado Civil | Solteira | Casada | Casada | Casado | Solteiro | Viúva | Viúva | Casada | Viúva | Casado |
| Profissão | Do lar e rendeira | Do lar e bordadeira | Professora e filezeira | Pescador e artesão | Artesão | Artesã | Filezeira e lojista | Aux. De enfermagem e artesã/lojista | Artesã | Artesão |
| Onde reside | Pontal da Barra | Pontal da Barra | Marechal Deodoro | Trapiche da Barra | Pontal da Barra | Pontal da Barra | Pontal da Barra | Pontal da Barra | Pontal da Barra | Orós/CE |
| Quantos Filhos? | Não tem | 3 | 1 | Não tem | Não tem | 4 | 1 | 1 | 2 | 6 |
| Grau de Escolaridade | Ensino médio | Ensino Fundamental | Ensino médio | Ensino fundamental | Ensino médio | Ensino fundamental | Ensino fundamental | Ensino médio/técnico | Ensino fundamental | Ensino médio |
| Atividades Exercidas | Faz o Cheio | Faz o Cheio | Faz o cheio | Apenas a rede | Faz o cheio | Faz o cheio | Faz o cheio e a rede | Faz o cheio | Faz o cheio | Faz o cheio e a rede |
| Local de trabalho | Em casa | Em casa | Em casa | Em casa | Casa e loja | Casa e loja | Em casa | Loja e casa | Em casa | Em casa |
| Aprendeu a bordar com quem? | Mãe | Vizinhas | A tia | Esposa | Com a vó | Com avó e mãe | Mãe | Vizinha | Mãe | Parente |
| Termo utilizado bordado ou renda? | De filé | Renda de Filé | Bordado de filé | Renda de filé | Artesanato de filé | Renda de filé | Bordado de filé | Renda de filé | Renda de filé | Renda de filé |
| Como adquire a rede? | Vendedor | Vendedor e o marido | Faz a rede | Faz a rede | Vendedor | Vendedor | Vendedor | Faz e compra a rede | Vendedor | Faz a rede |

Fonte: Vanise Ferreira Costa (2012).

Apesar de tanto o filé produzido na comunidade pontalense como em qualquer outro lugar que vive do artesanato não pode ser visto como uma simples mercadoria. Assim, contextualizando o que remete Arantes (2004), essa arte é toda uma visão de mundo arrematada com as linhas, o tear, bem como estão seus gostos pelas cores, tipos de pontos a serem trabalhados, os melhores dias, horas, e as companhias ou até mesmo a solidão da noite com a peça a ser produzida. Assim, de alguma forma contém além de toda uma estética (perceptiva), há apropriação efetiva do trabalho no artesanato. Fato esse que também pode ser vista nas considerações de Arantes (2004, p. 13) quando remete que:

Contudo, de um ponto de vista interno à cultura e à experiência social, produto e processo são indissociáveis. As coisas feitas testemunham o modo de fazer e o saber fazer. Elas abrigam também os sentimentos, lembranças e sentidos que se formam nas relações sociais envolvidas na produção e, assim, o trabalho realimenta a vida e as relações humanas [...] Mas, em contrapartida, encontra-se em cada obra ou na lembrança que se tem dela o testemunho do que alguém é capaz de fazer. O produto feito encerra a autoria individual e o fazer coletivo, a capacidade de repetir um gesto e de modificá-lo, mantendo viva – mas nunca idêntica – a tradição, já que, nas frases ditas, a linguagem se perpetua e constantemente se renova.

Arantes (2004) argumenta que, apesar de ser um indivíduo e sua própria arte, seu modo de fazer e saber, no caso a arte do “filé”, por exemplo, carrega uma construção social que o impregna com uma identidade social⁷, uma vez que, é a soma de ações individuais construídas por atores em situações sociais que as interpretam como referência de sua própria cultura.

Os artesãos, basicamente, têm seu ofício considerado como uma prerrogativa de indivíduo competente e seguidor de seus antepassados, isto é, a cultura do filé se perpetua como uma arte passada de geração a geração. Portanto, são nas diferenças culturais que os tornam iguais, como podem ser observados nas concepções de cultura de Geertz (1997), onde tais diferenças nos aproximam de outras culturas.

Desta forma, as diferenças culturais nos dias atuais podem ser compreendidas numa escala mais ampla, ou seja, noutro plano, quando eleva na perspectiva do impacto da globalização enquanto fenômeno atuante na vida dessa

7 Identidade social - entende-se no sentido de reconhecimento consciente, por parte dos indivíduos, da identificação dos valores, práticas e saberes com os quais estabelecem contato e incorporam em suas rotinas cotidianas.

comunidade, no caso o Pontal, onde o fenômeno de visibilidade é condicionado através de meios impessoais – como internet, jornais e o contato com outras pessoas, países e culturas, ocasionam o processo globalizante (WARNIER, 2000), no qual trouxe visibilidade ao bairro, conseqüentemente, maior fluxo de pessoas ocorrendo aumento no mercado do filé.

Saber lidar com toda visibilidade de atração é um desafio para os pontalenses, ao serem artesãos e ao mesmo tempo morar no bairro que virou “atrativo”, já que o Pontal é reconhecido como centro do artesanato, onde não se podem prever os novos desafios estabelecidos com o aumento da produção dessa mercadoria. Assim como os problemas sociais que irão enfrentar futuramente os artesãos, devido à ação globalizante desenfreada que ocorre em todo o mundo, bem como não se pode esperar uma cultura estática, cristalizada, sem contato com diversas outras, como diria Kuper (2002), uma vez que toda cultura é dinâmica, longe de estar numa dimensão de cultura total.

Porém, o que podemos questionar no momento atual é, até que ponto os artesãos podem se render ao comércio global? Para Canclini (1983), enquanto as ações de massa não obtiverem intervenções adequadas e uma eficácia da mídia, o que irá prevalecer são comportamentos grupais erráticos, vinculados pelo imaginário do consumo e menos pelos desejos comunitários.

Todavia, conciliar a ideia de mercado e lucro com artesanato não é tarefa nada fácil, peças feitas manualmente e delicadas que exigem tempo para produzir não seriam simples assim, por exemplo, como buscar ponto de equilíbrio. Desta maneira, o mercado teria que obedecer e respeitar o engenho humano ao vender uma arte que requer tempo para ser feita, uma vez que a confecção do filé exige tempo para ser feita.

O trabalho demasiado, sem respeitar limites, passa muitas vezes a ocasionar doenças por esforços repetitivos⁸, em ritmos exagerados pelo trabalhador (ANTUNES, 2003). No entanto, o filé requer tempo para produzir, como por exemplo, segundo dona Graça *“uma toalha de mesa com ponto-cruz se faz em dois ou três*

⁸ Doenças por esforço repetitivo - LER e DORT Lesão por Esforço Repetitivo ou LER (em inglês Repetitive Strain Injury) são lesões nos sistemas músculo-esquelético e nervoso causado por tarefas repetitivas, esforços vigorosos. DORT - Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho causa uma síndrome de dor com queixa de grande incapacidade funcional.

dias, dependendo do modelo do motivo, já uma toalha feita de filé fica pronta de seis ou sete dias”.

Cavalcanti e Silva (2014) relatam que os pontos pequenos, bem elaborados e de cores harmoniosa são o que tornam e o que podemos também conceituar como de boa qualidade. Segundo os artesãos para manter essa qualidade é necessário respeitar o tempo, fazer sem muita pressa, observar os pontos, respeitar o tamanho e a largura que se devem fazer cada peça, ou seja, mesmo o mercado tendo sua demanda o fator determinante para qualidade da peça é o tempo gasto.

3.3. A importância do filé como atividade de rendimentos

A relevância econômica da atividade do filé na região do Pontal pode ser observada pelo seguinte aspecto: geração de emprego, uma vez que, ha uma quantidade expressiva de mulheres no bairro que trabalham na confecção, pois a mulher que está há muito tempo fora do mercado de trabalho encontra dificuldade em retornar e é no artesanato que encontra uma forma de se reinserir.

Em Alagoas as atividades econômicas básicas dos municípios encontram-se na agricultura, no extrativismo, na pecuária e por último na indústria e no turismo⁹. Mas o turismo atualmente tornou-se uma atividade que cresce cada vez mais na região, fatores como a ausência de políticas públicas para a agricultura familiar, a concentração fundiária e oferta de vagas no setor comercial e industrial alagoano, bem como o aumento do setor turístico, tem levado ao crescimento da atividade artesanal na comunidade do Pontal.

O filé e outros artesanatos no CELMM passam a representar uma importante fonte de renda para um grande número de pessoas, desde as famílias de agricultores até as de artesãos da zona urbana, como por exemplo, no Pontal ele é a principal fonte de rendimentos. São esses fatos que revelaram traços fundamentais daquela paisagem e a importância do artesanato tradicional, dentro das dimensões socioculturais e econômicas.

⁹Enciclopédia dos Municípios de Alagoa. 2012. Disponível em < <http://www.youblisher.com/p/517092-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas-2012/>>. Acesso 12 jun. 2014.

No Pontal observa-se um engendramento de uma lógica própria ligada ao turismo e o artesanato, um ritmo de vida diferentemente das pessoas de outros bairros. No bairro, os artesãos, o espaço se divide entre a vida familiar, lazer e do trabalho, isto é, integrando-se no cotidiano dessas pessoas.

4. A TRASMISSÃO DA TRADIÇÃO DO FILÉ

Neste capítulo, proponho um olhar etnográfico adensado e mais voltado para as entrevistas feitas com vinte artesãos do filé¹⁰, onde descrevo entrevistas de seis interlocutores e por último também cito as observações do cotidiano de três crianças.

Busco categorias definidas entre os promotores de filé para funções: comerciantes/artesãos, vendedores e clientes, assim estabelecem basicamente, quem faz, onde vende e compra; ou seja, uma forma de identificar uma cadeia de circulação da comercialização do filé.

Explicar a definição de tais categorias é uma forma também de compreender alguns termos e dinâmicas dos artesãos, uma vez que, têm suas características próprias de localidade. Logo, essas definições de dados são fiéis às narrativas reveladas nas pesquisas junto com os artesãos. Todavia, alguns interlocutores aqui apresentados não residem no bairro, por exemplo, os vendedores que fazem a venda de porta a porta no Pontal. Com isso, dentro das perspectivas do contexto social da comunidade, podem-se definir as características do que seria um artesão, um vendedor e um lojista.

4.1. O artesão

Configura-se um “artesão” aquele que faz somente a rede/malha ou quem faz o preenchimento/cheio. E ainda aquele que faz os dois processos: a rede e o preenchimento. A artesã também pode ser chamada de rendeira, bordadeira e filezeira.

4.2. O vendedor

Existem três tipos de vendedores: primeiro o que vende apenas a rede/malha para os artesãos que fazem o “cheio”; segundo, o que vende as peças prontas de

¹⁰ Ver quadro-1 com 50% das pessoas entrevistadas. Dados colhidos entre 2012 a 2013.

filé e comercializam apenas com os lojistas; o terceiro é o que vende rede e peça, este negocia com artesãos e lojistas. Mas dificilmente se encontra vendedores que não saibam fazer a rede ou todo o filé. Todos comercializam de porta em porta por todo o Pontal e alguns têm compradores fixos e outros não.

4.3. A lojista

Nota-se que as mulheres dominam esse ramo de negócio no Pontal, além de confeccionar o filé tomam conta de sua própria loja. Pois, o filé é a forma de emancipação econômica para essas artesãs.

As lojistas que não sabem o ofício do filé são denominadas como “de fora”, isto é, não nasceram ou não residem no Pontal, em sua maioria, têm apenas sua loja.

Percebe-se que no bairro a maioria dos lojistas são artesãos de filé, isto é, sabem fazer o filé, mas compra de vendedores a rede/malha para confeccionar o cheio, além de peças prontas de filé, pois a produção familiar não supre o estoque de toda loja.

Há dois tipos de lojas no Pontal, as que se pode caracterizar como mais tradicionais e que são lojas e residência ao mesmo tempo; e aquelas mais sofisticadas configurando-se no papel somente de loja, geralmente de pessoas “de fora”.

Foto 13: Loja simples**Foto 14:** Loja mais sofisticada

Fonte (13 e 14): Vanise Ferreira Costa.

No quadro, descrito na página 30, revela 50% dos dados colhidos na pesquisa no Pontal da Barra. Pesquisei vinte pessoas, e entre elas estão: três homens e dezessete mulheres. Citei os três homens entrevistados no estudo, pois percebi que a forma de trabalho deles havia muito a dizer no quesito comercialização e circulação do filé.

Sebastião é um vendedor de pequeno porte e faz rede; Guilherme faz o filé e vende na loja; já Aécio é vendedor de grande porte, sabe fazer a rede e o filé. Os três interlocutores servirão para fazer uma correlação, bem como uma distinção do saber-fazer desse ofício e de sua comercialização.

Saliento a divisão de quem faz rede e quem faz o filé no estudo para melhor esclarecer as funções dessa atividade e a divisão de trabalho estabelecida em cada etapa da produção, bem como definir as áreas que apresentam maior número de artesãos que fazem somente a rede.

Desta forma, o CELMM pode ser compreendido por áreas mais propícias na confecção da rede e outras na venda de peças prontas de filé. O Pontal pode ser visto como mercado final e os outros municípios do CELMM como produtor para abastecê-lo com a rede ou até mesmo o filé pronto. Sabendo que a rede é feita somente para o preenchimento dos motivos/pontos de filé. Mas tais observações são no sentido de maior expressividade da circulação da produção do filé, não quer dizer que no CELMM não se estabeleça uma comercialização das peças prontas de filé, isto é venda no próprio município.

Voltando ao quadro acima, é importante destacar que todos os interlocutores afirmaram saber fazer a rede e o filé, mas algumas fazem somente a rede, e outras apenas o cheio.

Cito lugares como o bairro Trapiche da Barra ou a cidade de Coqueiro Seco como locais com artesãos do filé, devido ao fato de que, nas pesquisas encontrei pessoas que somente fazem a rede/malha e vão vender no Pontal. E que apesar de ser um número pouco expressivo de pessoas nestas localidades citadas, mas que mostram as dificuldades de mercado do filé sobre o qual venho demonstrar no decorrer dessa pesquisa. Considerando relevante para compor exemplos de circulação da cadeia produtiva do filé.

4.4. Entrevistas com os artesãos do filé

São dados que foram sendo construídos durante um processo de conhecimento da comunidade pesquisada. Na pesquisa observei os comportamentos, os modos, os problemas e de que maneira agem quotidianamente. Para tanto, é necessário se aproximar, conversar e conhecer estas pessoas, como diria Roberto Cardoso de Oliveira (1996). Nesse movimento, é que foi possível criar uma relação com os interlocutores da pesquisa, bem como apresentados no decorrer de todo o estudo.

Dentro de alguns instrumentos destacam-se dois: as entrevistas e as observações participantes. A observação por permitir, o conhecimento da comunidade numa totalidade, dos seus sujeitos, seus pensamentos e comportamentos. Nessa etapa também é que vão sendo criadas as bases para uma confiança dos pesquisados com o pesquisador, isto é, para comigo; afinal, uma vez que eu fui aceita e a comunidade compreende qual o meu propósito lá, a pesquisa pôde fluir com maior facilidade. É por isso que se deve primeiro observar antes de entrevistar, para se ter uma noção do meio onde se encontra e das pessoas com quem irá estabelecer um diálogo e assim produzir conhecimento, como diria o antropólogo Oliveira (1996).

As entrevistas tiveram duração de janeiro de 2012 a dezembro de 2013. Nas primeiras vezes que fui a campo, para entrevistas e observações participativas. Pois

já conhecia o bairro como dito a priori, devido a um trabalho de campo na disciplina eletivo Pesquisa etnográfica do segundo semestre de 2011, na qual fizemos um artigo, mas quero esclarecer que para realização deste estudo elaborei novas questões semiestruturais para novas entrevistas, assim não tendo relação com a disciplina.

Tendo em vista o objetivo de realizar entrevistas com agentes diretos na produção do filé e assim entender como se daria a cadeia desta comercialização do filé. Faço um recorte de apenas seis entrevistas, onde descrevo suas narrativas, pois tais dados puderam perceber suas redes de relações de vizinhança ou até mesmo de parentesco, pautadas pela presença constante de códigos simbólicos que dão sustentação ao trabalho cotidiano, conferindo assim, sentido ao trabalho e à vida social, cujos afazeres do ofício do filé marcam toda dinamicidade da vida desta comunidade.

Desta maneira, descrevo a seguir, como foram elaboradas as questões que compuseram a entrevista semiestruturada:

10- Onde mora e porque está no Pontal? Nome, idade e sexo?

Objetivo: saber o que motivou a ir vender as peças de filé ou rede/malha no Pontal. Se o mercado no bairro é promissor.

2- Como você conheceu o filé?

Objetivo: Saber de que modo lhe foi apresentado o filé: meio familiar, parentes, vizinhança, amigos.

3- Você gosta de fazer filé?

Objetivo: Saber se aquilo que faz é de algum modo satisfatório para ela, buscar entender porque o faz.

4- O que o filé representa para você?

Objetivo: Saber qual o significado que atribui à prática do filé durante o seu dia-a-dia e ao longo de sua vida.

5- Você faz todas as etapas do filé? Desde a rede, cheio e a aplicação da goma?

Objetivo: saber se existe uma divisão de tarefas, bem como uma cadeia produtiva.

6- Como é feita a compra da rede/malha?

Objetivo: saber se compra aos revendedores ou algum parente, vizinho, amigos.

7- Como é trabalhar com o filé no dia-a-dia?

Objetivo: Saber como é o ritmo vivenciado por elas durante o seu dia de produção. Quais as peças que vendem mais, qual o dia mais movimentado e quem são os seus consumidores.

8- Quais as peças que você mais gosta de fazer?

Objetivo: Saber a preferência por determinadas peças e principalmente a questão de tamanhos.

9- Os rendimentos com o filé são para que?

Objetivo: saber se é para seu próprio sustento e/ou de toda família. E se tem mais alguma profissão.

10- Qual o período que você mais trabalha?

Objetivo: saber se é apenas na alta temporada do turismo.

Assim, as entrevistas semiestruturadas foram aplicadas apenas no bairro Pontal, porém com pessoas que residem no bairro ou que vão vender sua mercadoria de filé nesta comunidade.

4.4.1. Juliana

Tem 30 anos de idade, nasceu no Pontal, mora com os pais e uma irmã na avenida principal Alípio Barbosa. Sabe o ofício do filé desde os 12 anos, quando aprendeu com sua mãe que já não faz com dedicação. A irmã trabalha com o filé e o pai faz a rede.

Para complementar a renda familiar utiliza um cômodo, sala de estar, de sua casa para aluguel, e assim, servindo de ponto comercial, tendo como inquilino a lojista dona Graça.

A entrevista se deu em meio à prosa, sentada na calçada com as duas vizinhas e também artesãs. Estava fazendo o que para Juliana é sua especialidade, jogo americano, pois as peças pequenas são mais facilmente comercializadas, bem como produzidas no Pontal.

Ao ser questionada sobre os pontos que não sabia fazer, afirmou não se interessa em aprender o ponto rabo-de-pavão, por ser utilizado geralmente em peças grandes, como colchas e toalhas, tampouco não aprendeu a fazer rede/malha.

Notei que suas peças têm malha pequena e pontos bem arrematados. São vendidas diretamente a turistas e as lojistas do próprio bairro. Segundo ela, o que recebe com a venda das peças é pouco: *“O que recebo é bem pouco, não dá para ajudar em casa, apenas compro minhas coisas”*.

Para as três artesãs e vizinhas, sentarem na porta todos os dias para fazer o filé enquanto os turistas passam é uma maneira de produzir e vender. Ficam atentas aos vendedores que passam com redes, pois elas preferem comprar a rede pronta.

Durante a entrevista, Juliana ficou interessada em comprar uma rede do vendedor Sebastião que ia passando com algumas peças penduradas no bagageiro de sua bicicleta. Percebe-se que no Pontal as artesãs, geralmente, compram a rede/malha pronta para fazer o preenchimento.

Juliana informou que compra a linha para fazer o cheio do filé no mercado de sua tia, ali mesmo no bairro. São novelos feitos com diversas cores e vendidos no peso. Notei que é o único ponto comercial que faz esse tipo de venda de linhas, diferenciadas das demais. É vendido em meio aos produtos alimentícios e o dono da “venda” (como ainda tem escrito na fachada do mercadinho) teve a idéia de customizar os novelos de linha para a produção do filé. “Gil” o dono do mercadinho é esposo da tia de Juliana e passa o dia entre o atendimento aos clientes e o trabalho em misturar as cores de linhas em tubos de um só novelo, e assim, produzindo vários outros novelos coloridos.

Para fazer os novelos customizados, Gil teve a idéia de juntar várias cores de linhas, mas não de forma desordenada, segundo ele: *“há uma combinação de cores tornando um atrativo e diferencial, já que mais ninguém do bairro vende novelos coloridos”*. Assim, além de ser uma nova forma dos artesãos não comprarem vários novelos de cores diversas, e assim tendo um custo menor com a matéria-prima. Alguns artesãos disseram-me que antes quando não compravam as linhas no mercadinho do Gil suas peças eram menos coloridas.

4.4.2. Dona Graça

Tem 57 anos de idade, aprendeu o filé com a mãe aos 7 anos. O primeiro ponto que aprendeu foi o cerzido. Nasceu em Marechal Deodoro, mora no Pontal há muito tempo, numa rua adjacente a principal. Ela é lojista e auxiliar de enfermagem, só vai para loja no período da tarde quando não está de plantão.

Sua loja é o cômodo alugado da casa de Juliana que se torna uma loja/residência semelhante as demais do bairro.

Na loja as peças artesanais são distribuídas por mesas e cadeiras, bem como penduradas por arames nos caibros de sustentação nas paredes, onde geralmente são as peças maiores, como toalhas, colchas, caminhos de mesa. E as peças pequenas em cestos de palha em cima de banquinhos distribuídos por toda loja, quando não, numa mesa ou balcão.

Perguntei a dona Graça se havia diferença entre o filé de sua mocidade e o atual, ela respondeu que sim: *“Antigamente o filé era de risco, isto é, utilizavam-se os motivos de ponto-cruz, crochê e de pinturas das revistas”*.

4.4.3. Francisca

Casada com Carlos, 25 anos de idade e com 3 filhos. Nasceu em Pão de Açúcar, mora no Pontal há dois anos, na rua Alípio Barbosa, onde aprendeu com as vizinhas a fazer o filé assim que chegou ao bairro. Compra as linhas no próprio bairro na “venda” do Gil e vende o filé oferecendo aos lojistas e às vezes quando aparecem encomendas na porta de sua casa.

O primeiro ponto que aprendeu foi o cerzido, o que demonstra ser o ponto básico para se aprender o filé. Não aprendeu a fazer a rede, pois compra dos vendedores que passam. Trabalha mais no horário da tarde e nos fins de semana, por ter que cuidar da casa e das crianças.

Carlos que também sabe fazer o filé. Ele é formado no curso tecnológico de química e trabalhou na Braskem, hoje trabalha no DETRAN e nos fins de semana conserta a rede de pescaria e faz filé.

Ele disse: *“antigamente, há uns dois anos atrás, eu pescava, mas agora parei, porque não se têm peixes na lagoa, prefiro ficar em casa fazendo a rede e o filé”*.

Perguntado sobre o que ele achava da Braskem, uma indústria de grande porte nas proximidades da comunidade, ele ressaltou que – *“hoje ela é uma mãe, antigamente é que se tinham muitos conflitos com os moradores, pois ela queria também fechar a estrada que liga Pontal com o Trapiche”*. Estas ressalvas também podem ser vistas em Vieira (1997, p. 70) quando remete que:

A relação da população de Maceió e dos moradores do Pontal da Barra aos efeitos da indústria e à ameaça de expulsão, levou ao surgimento de uma ação coletiva que mobilizou segmentos da população de Maceió, e ocupou as páginas dos jornais locais, em meadas da década de 80 (...) A convivência dos moradores com a indústria tem sua história, uma história de lutas, de pressões, de vitórias parciais”.

Além da Estrada que liga Pontal a outros bairros, os moradores protestaram em relação a outros problemas ocasionados pela indústria, pois as mobilizações eram freqüentes devido à insegurança dos moradores da comunidade com os efeitos dos resíduos poluentes desta indústria petroquímica.

4.4.4. Efigênia

Casada, 47 anos de idade, tem 1 filho, mora em Marechal Deodoro, aprendeu aos 13 anos a fazer filé com sua tia. Efigênia é artesã e professora do ensino fundamental, o esposo é pedreiro e o filho frentista.

Encontrei dona Efigênia em maio de 2012 num dia a campo, estava vendendo suas peças de filé para as lojinhas no Pontal.

Segundo ela, sua venda é pouca, mas ajuda nas despesas da casa: *“Vendo no Pontal há mais de 30 anos, antes eram todos os finais de semana e agora apenas uma vez por mês, por causa da minha profissão como professora”*.

Nota-se como a cidade de Marechal Deodoro tem potencial para comercialização do filé. No entanto tornou-se dependente de outros locais para escoar sua produção, por encontrar barreiras como ausência de políticas públicas e incentivos aos pequenos artesãos.

4.4.5. Sebastião

Tem 55 anos, nascido em Coqueiro Seco, é casado, mora no Trapiche da Barra é vendedor, artesão e pescador, aprendeu a fazer filé com sua esposa, artesã natural da cidade de Marechal Deodoro. Ambos fazem apenas a rede e ele comercializa a produção uma vez por semana no Pontal, há mais de 19 anos.

Ele disse que: *“quando a coisa se aperta, eu saio para vender. Tem vezes que saio para vender e não vendo nada. É no verão que é melhor temporada. O dinheiro com a rede é para complementar o sustento da casa”*.

O discurso de seu Sebastião pode ser explicado no quadro abaixo de como acontece o escoamento da comercialização do filé nas regiões do CELMM, onde apesar de estar num bairro da capital pouco expressivo na quantidade de artesãos, o Trapiche da Barra, mas que são nativos de municípios com grande predominância do filé e principalmente na confecção da rede/malha.

Quadro 2 - Dados do CELMM de maior incidência para produção.

| Cidades do CELMM | Produção | Característica |
|--------------------------|---------------|-----------------------|
| Coqueiro Seco | Rede | vendedores |
| Santa Luzia do Norte | Rede | vendedores |
| Marechal Deodoro | Rede e o Filé | Artesãos e vendedores |
| Maceió - Pontal da Barra | Filé | Artesãos e lojistas |

Fonte: Vanise Ferreira Costa (2012).

O quadro apresenta a circulação de consumo no CELMM, onde ressalta um escoamento da produção dos municípios para o principal mercado o Pontal.

Mostra também de forma esquematizada a divisão de trabalho dos artesãos de filé, de modo a demonstrar a maior expressividade da produção. Contudo, não significa dizer que em Coqueiro Seco, por exemplo, só existem vendedores de malha, lá também se encontra o filé, bem como nas outras áreas citadas, porém em menor quantidade. E também que o artesão não venda em sua própria cidade, o quadro é apenas para explicitar a maior predominância da comercialização.

Portanto, perante as pesquisas realizadas observei que Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte se caracterizam pela especialização da confecção da rede/malha, isto é, a primeira etapa do filé, que será vendida principalmente no Pontal. E no caso da cidade de Marechal Deodoro apesar de ser voltada para o setor do turismo e do

artesanato tem alguns artesãos que vão vender a rede e as peças prontas de filé no Pontal.

Assim, ausência de incentivos no setor turístico e apoio aos artesãos nestas áreas do CELMM, em particular Coqueiro Seco, como é descrito na *Enciclopédia dos municípios de Alagoas* (2012, p. 45) “[...] a economia local não consegue aproveitar esse aspecto para dinamizar sua agricultura, que é de baixa produtividade, nem o seu potencial turístico [...]”. Visto que, o setor turístico alavancaria a produção do artesanato, principalmente do filé.

Situações como estas também se encontra Santa Luzia do Norte, onde sem investimento no turismo não se consegue ter acréscimo na produção do filé, ficando muitas vezes com a confecção da primeira etapa do filé, isto é a rede/malha para abastecer o mercado do Pontal.

Portanto, áreas do CELMM com baixíssimo escoamento do filé, e assim, limitam na produção de rede/malha, uma vez que é um produto que encontra mercado no Pontal, onde os artesãos para ganhar tempo na confecção preferem fazer o cheio, segundo as falas dos próprios interlocutores, como diz Juliana: *“Eu compro a rede aos revendedores para fazer o cheio e assim ganhar tempo na confecção demais peças”*.

Com isso, os municípios como Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte, Marechal Deodoro na produção, em sua maioria, tornaram abastecedores do mercado com maior fluxo artesanal, no caso o Pontal.

4.4.6. Aécio

Tem 42 anos de idade, casado, tem 6 filhos, é vendedor e artesão, nasceu e mora em Orós município do Ceará, aprendeu esse ofício desde os 7 anos de idade. Após a morte do pai herdou os negócios da família, confecciona e faz a venda em um caminhão baú, do filé produzido por toda sua família, no qual percorre quase todos os estados nordestinos. Todos da família fazem o filé e não compram a rede/malha como vimos no Pontal, sua produção vai desde a primeira etapa da rede até seu preenchimento.

A entrevista com Aécio foi realizada no dia 02 de junho de 2012 no Pontal. Muito popular entre os lojistas do bairro, pois somente ele comercializa filé produzido em outro Estado. Leva também a sua produção de filé para várias cidades do Brasil, tais como: Salvador, Recife e Rio Grande do Norte. Ele disse que: *“Deixei de ir a lugares mais longe, como São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina, porque não tenho muita mercadoria”*.

Aécio sabe confeccionar o filé, mas prefere somente vender viajando por vários estados brasileiros, acompanhado, da esposa ou de um dos filhos. A maioria da carga é composta de cortinas, colchas, toalhas de mesa, caminho de mesa, capa de almofada e saída de praia. Os atendimentos aos lojistas acontecem diretamente no caminhão estacionado na rua principal do Pontal, próximo a Praça da Associação dos Pescadores, bem como algumas peças encomendadas é entregue pessoalmente nas lojas por seu acompanhante de viagem.

Ao se familiarizar com a confecção do filé, aprende-se a reconhecer e diferenciar entre as peças de filé do Pontal e de Orós. A produção no município do Ceará são peças maiores, sem muita diversificação nos pontos, cores repetidas e não utiliza goma para o acabamento nas peças, segundo Aécio: *“as peças são maiores porque as peças pequenas os artesãos aqui do Pontal já fazem, então eles preferem comprar peças que não são muito feitas por eles”*. Essa pouca diversidade é devido ao fato que precisam de maior agilidade na confecção, uma vez que precisam atender a vendas em vários mercados.

Suas peças utilizam sempre os pontos: cerzido, aranhão e corrente, quando feitos em tamanhos grandes, o cerzido preenche toda a peça, são usados geralmente em colchas e peças de porte maior, não são engomadas, característica das peças vindas do Ceará.

Foto 15: Filé de Orós-CE



Foto 16: Filé do Pontal/AL



Fonte (15 e 16): Vanise Ferreira Costa

Para Aécio, sua família se organiza distribuindo-se em diferentes atividades associadas ao filé. É comum na sua cidade encontrar famílias inteiras reunidas confeccionando o filé para vender em outras cidades, segundo ele, há uma reorganização das relações familiares que constituem a unidade produtiva e comercial na produção de filé no município de Orós. Onde confecção de filé, as vendas, o transporte de mercadorias e o estabelecimento de lojas em outros estados do Brasil, são formas que contribuíram para a expansão de mercado.

4.5. Crianças e suas ligações com o espaço chamado Pontal

Percebe-se no cenário do cotidiano, o modo de transmissão do saber-fazer filé das crianças junto às artesãs mais experientes e ao mesmo tempo suas primeiras experiências com linhas e bastidores, bem como o modo de negociar com turistas e nativos são relevantes no quesito de pertencimento de local.

Na calçada com bancas¹¹ improvisadas com caixas velhas de madeira e outras de papelão, as três crianças, entre 9, 10 e 13 anos, sentadas em seus

¹¹ Banca - um caixote ou de papelão ou de caixa de madeira para servir de estante para vender as peças artesanais.

banquinhos vendiam peças de filé, no qual faziam ali com mãos habilidosas suas próprias peças em pequenos teares.

Elas não foram muito receptivas ao meu primeiro contato, sempre desconfiadas, por perceber que eu não era turista e não estava ali pra comprar seus produtos. Logo, perguntaram se eu era do “Conselho¹²”. Esclareci que era estudante e estava fazendo pesquisa sobre filé no Pontal.

Assim, aos poucos ganhei a confiança das crianças, a ponto de falarem sobre suas vidas. Jake com 11 anos de idade e seu irmão José de 9 anos, contaram-me que tinham mais cinco irmãos e todos moravam com os pais, apesar de sua mãe ser alcoólatra, seu pai desempenhava toda responsabilidade nos cuidados e sustento dos filhos, todos confeccionavam o filé e vendiam no próprio bairro.

Jake aprendeu a fazer o filé ao ver as meninas mais velhas fazendo. Disse Jake: *“via elas fazendo e acabei aprendendo também, não era fácil mas aos poucos aprendi também”*. Suas peças eram pequenas, tais como: cintos, marca-texto e bolsinhas. Também, percebi que todas as peças de filé eram de sua autoria, pois os pontos e o arremate estavam inacabados, algo que só um adulto com experiência teria habilidade de fazer.

Já Maria era a mais velha entre as crianças, com 13 anos e também a mais tímida. Disse que conseguiu um tear velho na rua quando estava passeando e a partir daí teve ideia de colocar uma “banca” num ponto próximo ao estacionamento dos ônibus de turismo no Pontal.

Maria disse: *“Depois que coloquei a “banca” vinha vários turistas tirar fotos e perguntavam se fui eu quem fiz, aí depois meus irmãos resolveram fazer também”*. Para os autores Milito e Silva (1995), essa ocupação do espaço público é modulada pelas relações sociais daquele local específico, pois tais relações excedem ao do convívio amistoso, onde a paz é garantida por acordos mais ou menos tácitos, ou seja, está no lugar público próximo de casa, no ambiente em que você conhece e é reconhecido o trará “proteção”. Pois, ainda são pequenas crianças para se atrever a outros territórios desconhecidos.

¹² O Conselho - chamado pelas crianças referem-se ao Conselho Tutelar de Maceió.

Essas crianças me fazem refletir e avaliar o processo de socialização e de aprendizado prático que mesmo enfrentando os imponderáveis conflitos do agir como adulto na infância, para superar os percalços causados da vida perante a vulnerabilidade familiar, submetendo ao trabalho para seu próprio sustento, algo dicotômico e de múltiplas facetas de complexidade.

Por outro lado, se pode correlacionar os estudos de Milito e Silva (1995, p. 30) sobre esta situação de crianças nas ruas, e que nos fazem refletir diretamente sobre as crianças e os elementos complexos aqui mergulhados:

Os meninos na rua são a regra ao mesmo tempo trágica e monótona. Não são vítimas de si mesmos nem de um fado perverso. Trazem em si as marcas de um fracasso coletivo, um fracasso social, um fracasso político. Não falam de nós mesmos porque nós nos salvamos em nossos apartamentos refrigerados. São múltiplos, coletivamente organizados, não trazem como coletividade marcas psicológicas especiais. São comuns, humanos, mas diferentes. Não delimitam nossa condição. Ameaçam nossa condição, ao exibirem de forma inquestionável uma outra face da sociedade e a questionarem, pela sua presença coletiva, qual a verdadeira, qual a excepcional?

Percebe-se ausência em políticas públicas voltadas para a educação dessa faixa etária, na qual promove estas situações de crianças nas ruas, ao mesmo tempo são discriminadas até por quem deveria protegê-las desta situação de vulnerabilidade. Há poucos projetos e creches no bairro para absorver tantas crianças.

Foto 17: Crianças no Pontal.



Fonte de: Maria de Fátima Santos.

CONCLUSÃO

No Pontal, no decorrer da pesquisa constatei que, o filé é a atividade principal de trabalho para a maioria das famílias. O turismo é o fator que tem motivado o desenvolvimento do mercado para esse tipo de ofício, levando o filé para diversos lugares no mundo.

O filé dentro da comunidade pontalense é um saber-fazer artesanal que procura preservar os traços característicos de uma cultura de região ribeirinha, e que ao mesmo tempo não o impossibilita de criar e recriar. Um criar galgado por uma mistura de cores, de trançados, de adereços fazendo do filé um símbolo de criatividade nas mãos.

Apesar de que, o filé se encontra nas regiões do CELMM, apenas no Pontal se sobressai no quesito como atividade principal, já que em outros municípios o filé tornou-se uma atividade secundária visto que o extrativismo e a cana de açúcar é o principal comércio, como apontado por Normande (2000). Todavia, falta a meu ver, na área do CELMM mais incentivo de políticas públicas, para desenvolvimento no setor turístico e assim um aumento na venda de filé, trazendo mais oportunidade para esses artesãos.

Pois para os artesãos, o saber-fazer filé se torna uma tarefa bastante agradável e até desafiadora, segundo os interlocutores, principalmente quando encontram na fala dos compradores, o reconhecimento ao trabalho que desenvolvem, buscam sempre novas maneiras de criação, numa tentativa constante de superarem a si mesmos. A pretensão não é vender sempre produtos iguais, por isso estão sempre criando (*grifo meu*).

Compreender a importância do filé para vida desses artesãos é pensar na maneira pela qual começou a ser confeccionado e elaborado. Como uma ocupação para as mulheres, enquanto os seus maridos saiam para pescar, elas ficavam em casa tecendo para consumo próprio. E com o passar do tempo, começa a ser reconhecido como um artesanato, devido à grande variedade de peças que criaram e a renda extra que geraram para aquelas que a produzem.

Daí surgiu à relação de trabalho, ter o filé como produto, enquanto constituído de uma utilidade de uso, definido também pela ação daquele que compra, indo de encontro ao artesão, estabelecendo assim trocas de informações.

O contato com outras culturas, a mobilidade e a informação não fizeram com que os artesãos perdessem símbolos identitários em comum, mas sim persistirem ao tempo e as gerações que a atravessam.

Tornou-se uma atividade de rendimentos para agregar a renda familiar. Desta forma, com o passar do tempo o filé ganhou espaço como atividade econômica principal em alguns lares ou mesmo como secundária em outros. Papel este, que faz modificar o meio e até mesmo faz repensar novas formas de organização familiar, onde a mulher tem posição direta nas funções detentoras de um ofício: o saber-fazer filé, elevando-se a categoria de profissão.

O Comércio do filé no Pontal, antes vila de pescador, passar a ter uma nova fonte de renda familiar, exercendo a função de um emprego, quando o movimento do turismo desperta a visão de mercado, uma vez que no ato da compra estabelece esta relação na qual se paga por um produto que se deseja, seja para ele mesmo, como um utensílio ou presente e assim criando uma rede de contatos, trazendo futuramente mais pessoas que estejam interessadas em conhecer este produto. É uma relação de interdependência, onde os turistas sustentam e dão vazão ao comércio do filé e as artesãs ou artesãos vivem da venda, e da afirmação destas condições de criadoras inventivas dentro da comunidade.

A valoração do filé para com o ambiente que o mesmo se sobrepôs, ou melhor, as áreas do CELMM, onde se dividiu em municípios abastecedores da produção, e do outro lado apenas o bairro do Pontal da Barra, na qual se tornou com maior incidência para o “mercado e da produção”.

Contudo, as artesãs do Pontal é que devem decidir quais as mudanças a serem aceitas e quais se opõem aos seus interesses, na medida que as mesmas desempenham um papel de protagonistas e iremos tendo uma cultura popular, reconhecidas por elas e os não membros da comunidade como símbolos de identidade. Onde o filé se encontra nas áreas do CELMM de forma significativa, constituindo um elemento de destaque na vida da população. E o Pontal, por exemplo, estão às oportunidades com o turismo gerando, a venda do artesanato e a

interação com a natureza existente no bairro, revalidando as questões de identidade social e de pertencimento daqueles artesãos, que isso possa se estender para outras áreas de todo o CELMM.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, SP, Cortez, 2003.

ARANTES, Antônio Augusto. **O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda**. DaCultura, ano IV. n. 7, 2004, p. 9-14. Disponível em <<http://www.funceb.org.br/revista7/04.pdf>>. Acesso em agosto de 2014.

_____. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Primeiros Passos, n. 36).

ARTESANATO EM DEBATE: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. **Revista Pós Ciências Sociais**. v.8, n.15, jan./jun. 2011.

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.). **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

BASTOS, Lilian da Rocha; PAIXÃO, Lyra; FERNADES, Lucia Monteiro; DEILUIZ, Neise. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias**. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003, 222p.

CANCLINI, Néstor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAVALCANTI, Bruno Cesar e SILVA, Marta Maria de Melo. **Caderno de Instruções do filé – Um guia prático de como fazer o tradicional filé alagoano**. Maceió: SEBRAE-AL, 2014.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. 2ª ed. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Elisa Ribeiro Alves da. **Famílias do ramo de rede: tecelagem, negócio e viagem no sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

DANTAS, Cármen Lúcia Tavares Almeida. **Aspectos da cultura popular de Alagoas**. Maceió: Museu Théo Brandão/UFAL, 1986.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. Carlos Alberto Pinheiro Mendonça: **Instituto Arnon de Mello**. Leonardo Simões (Coordenador Geral). Maceió, 2012. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/517092-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas-2012/>>. Acesso em 09 de junho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em 08 de junho de 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1997.

JULIÃO, André. *Gerações de Renda*. In **Revista Tam nas Nuvens – revista de bordo**. São Paulo: Virtual Editora e Produtora Ltda, ano 02, n. 13, jan de 2009, p.62-70.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LARAIA, Roque Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

NORMANDE, Eduardo [Org.]. **Apoio à proteção ambiental em Alagoas: uma experiência de cooperação técnica**. Maceió, SEPLAN: IMA/GTZ, 2000.

PIMENTAL, Jaime Barbosa. **Bairros de Maceió: Pontal da Barra**. Disponível em: <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Bairros&Id=36>>. Acesso em 19 de janeiro de 2014.

PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf>. Acesso em janeiro 2014.

ROCHA, Anna Carla de Mello. **A Economia da Cultura e a Tradição do Filé: desafios do patrimônio cultural em Alagoas**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso). Departamento de Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo I**. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: editora UNESP, 1996.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SILVA, Marta Melo. *Bordado ou renda Filé?* in **Gazeta de Alagoas**. Disponível: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=249332>>. Acesso em 10 de março de 2016.

SILVA, H. e MILITO, C. **Vozes do Meio-fio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

VIEIRA, Maria do Carmo. **Daqui só saio pó: Conflitos urbanos e mobilização popular: A Salgema e o Pontal da Barra**. Maceió: Edufal, 1997.

_____. **Meio Ambiente: nova cidadania ou utopia de poucos?** Maceió: Edufal, 2003.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.